

Raça e Identidade

Resenha do livro *Showing My Color : Impolite Essays on Race and Identity*, de Clarence Page

(San Francisco, Harper Collins, 1996,
302 págs. + Bibliografia)

Clarence Page mostrou mais uma vez por que tantas pessoas lêem sua coluna e o vêem na TV. Ele não apenas expõe uma perspectiva, mas vê as coisas numa perspectiva adequada. *Showing My Color* demonstra que Page se confrontou com sua identidade como proeminente jornalista negro nos Estados Unidos. Ele parece contente por escrever sobre a questão da raça num fórum público.

O título do livro é derivado de uma admoestação que os pais fazem a um filho ou uma filha para não “mostrar sua cor” [= mostrar-se tal qual se é], i. é, não se portar de uma maneira que cause vergonha à sua família ou sua raça. Uns 35 anos depois, ele está “mostrando sua cor”, e deveria ser louvado por isso; Page sabe que sua cor é uma parte importante de quem ele é e que sempre vai se mostrar, e que qualquer pessoa que tentar negar Page com base em sua cor mostrará que é ela própria que é a vergonha.

Nos 14 ensaios que compõem o livro Page se afasta de várias diretrizes partidárias e abandona meros jogos de retórica. Ele fala francamente sobre suas próprias experiências e faz observações acerca de diversas lutas por identidade individual e comunitária. Escreve sobre o abuso que foi infligido às pessoas afro-americanas e as injúrias que teve de suportar, vindas de pessoas negras que o consideram menos do que adequado para a imagem que elas têm de negritude.

Como indica o subtítulo, Page escreve tanto sobre a questão da raça quanto da identidade. Esta é sua mais notável contribuição. Ele toma algumas importantes medidas imparciais para mostrar como é perigoso basear a identidade na “raça” e como é difícil para pessoas não-brancas não fazerem isso nos Estados Unidos. Page condena os excessos de indivíduos e grupos, brancos ou negros, que crêem ter o direito de definir outra pessoa com base em suas próprias idéias do que seja negro ou anglo.

Ele salienta que as pessoas afro-americanas, outrora forçadas a viver como bloco, agora parecem compelidas tanto a partir de dentro quanto de fora a pensar e falar como bloco. Lembra-nos que os afro-americanos não provêm de uma única cultura, mas de muitas culturas de muitas partes da África, e que chegaram aos

Estados Unidos de diversos modos e em diversas épocas. Numa atitude sadia, Page condena o pensamento grupal que exige uniformidade onde não pode ou não deveria haver uniformidade.

Page lembra-nos, além disso, que muitas pessoas afro-americanas, separadas da África por uma dúzia de gerações, são tão ou mais alemãs, hispânicas ou tais (ou alguma mescla destas) quanto são iorubas, ndebeles ou shonas. São só os Estados Unidos com sua contínua demência obsessiva em torno da cor da pele e com antiquadas teorias biológicas da raça que jogam alguns e algumas de nós, pessoas brancas ou negras, juntas num ou noutro grupo.

Page faz referência, de passagem, ao resto do mundo e seus métodos de abrandar e às vezes alimentar o monstro de muitas cabeças do racismo, etnocentrismo, xenofobia. Mas ele continua a falar de categorias raciais nos Estados Unidos como se elas fizessem inerentemente sentido. Lança seu olhar para o Brasil e a África do Sul em busca de nosso futuro multicultural.

Neste ponto discordo de Page. Na África do Sul, a situação para as pessoas “de cor” é difícil, mas está melhorando dramaticamente para as “negras”, ao passo que na maior parte do Brasil as linhas que dividem pessoas negras e brancas são traçadas de maneira tão diferente que é quase impossível para mim, como produto da versão norte-americana do racismo, reconhecê-las. No Brasil quase ninguém seria branco de acordo com a definição prevalecente nos Estados Unidos, onde “branco” é sinônimo de “europeu”. Diferentes padrões de colonização e imigração acarretam um conceito muito diferente de raça e um tipo diferente de racismo em cada país. Page está certo ao voltar-se a eles para buscar conselho, mas equivocado ao referir-se a eles como se fossem nosso futuro.

Page não deixa nem as pessoas brancas nem as negras se safarem sem mais nem menos. Ele insiste em responsabilidade coletiva e pessoal, abordando, assim, duas definições muito diferentes de racismo: uma branca e uma negra. Reconhece a existência de diferenças em termos de estilo e cultura sem sucumbir ao perigo de admitir uma ética do “vale tudo”. Diversas vezes ele levanta a esperança contida na pergunta de Rodney King: “Será que todos nós não podemos simplesmente nos dar bem?”, mas muitas vezes tive a impressão de que sua resposta era: “Alguns de nós podem, mas não todos.” Então passou a mostrar por quê.

Ainda refletindo sobre o fim de seu primeiro casamento e o subsequente suicídio de sua primeira esposa, Page faz dela uma forte metáfora do que está errado com a América do Norte branca e negra. A profunda depressão dela, que não lhe permitia desfrutar de seus próprios sucessos maravilhosos e continuar sua busca da felicidade, é sintomática da síndrome afro-americana em que as forças externas do racismo ocupam tanto da energia da América do Norte negra que muitas vezes ela não tem chance de lidar com seus problemas internos e, por fim, acaba se destruindo por carecer de esperança.

Page não é um homem sem esperança. Ele é um indivíduo sóbrio que se

orgulha de suas realizações e reconhece as circunstâncias culturais em que se formou. Tendo molificado o monstro de muitas cabeças, Page sabe que continuará a combatê-lo diariamente e que em alguns dias ele próprio ficará ferido. Em meio à celebração da morte de muita coisa que mutilava e matava durante seu tempo de vida, ele sabe que seu filho não estará a salvo da besta e que seus netos — se vierem a existir — travarão batalhas diferentes com o mesmo monstro.

Peter Nash
Caixa Postal 14
Escola Superior de Teologia
93001-970 São Leopoldo — RS

(Tradução: Luís M. Sander)